

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS. GIOVANNI BECATTI -ORIFICERIE ANTICHE DALLE MINOICHE ALLE BARBARICHE.

CARDOSO, Mário

Ano: 1956 | Número: 66

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Notícias Bibliográficas. Giovanni Becatti -Orificerie antiche dalle Minoiche alle Barbariche. *Revista de Guimarães*, 66 (3-4) Jul.-Dez. 1956, p. 553-556.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

portugueses e espanhóis, as considerações que o autor apresenta sobre os contactos e influências culturais entre Ensérune e o mundo ibérico, que, ao contrário de Schulten e de Bosch-Gimpera, ele não considera resultantes de uma invasão em massa, ou conquista dominadora do estrato indígena da Aquitânia, do Rossilhão e do Languedoc pelos Iberos, mas simplesmente de relações, embora bem acentuadas, de carácter comercial e cultural entre povos vizinhos, cujos restos arqueológicos revelam contudo fortes indícios de parentescos, no idioma, nas indústrias, nos costumes, etc.

Contém ainda esta obra uma infinidade de ensinamentos metódicos, e de sínteses modelares interessantíssimas, muito proveitosas para um estudo dos nossos « castros » feito em bases análogas, mas que, infelizmente, o restrito espaço de uma breve recensão não permite expor com a devida extensão. Aos nossos estudiosos da Cultura castreja no Norte de Portugal recomendamos a leitura atenta deste livro do Sr. Prof. Jannoray, onde tantas e tão úteis lições todos podemos recolher.

GIOVANNI BECATTI, *Oreficerie Antiche dalle Minoiche alle Barbariche*. Edição do Instituto Poligráfico do Estado. Roma, 1955. Vol. in-4.º com 255 págs. de texto e 175 estampas de página. Duas estampas a cores. Gravuras intercaladas no texto.

É vasta a bibliografia sobre ourivesaria antiga. São ricos os tesouros de joalharia arcaica em muitos dos principais museus de Arte e de Arqueologia de todo o mundo. Sabe-se quanto, nas mais diversas regiões do globo, as jóias têm sido apreciadas e usadas desde os mais recuados tempos.

Na Península Ibérica, por exemplo, foram sempre as jóias tidas em grande apreço, facto natural dada a abundância de ouro que o nosso solo continha outrora, e aqui foi largamente explorado a partir do final da época neolítica.

Guardam-se actualmente em vários museus portugueses muitos e característicos exemplares de jóias primitivas, encontrados casualmente ou fazendo parte de espólios recolhidos em resultado de explorações arqueológicas sistematicamente efectuadas. Possui o nosso primeiro museu de antiguidades, o Museu Etnológico de Lisboa, mais de três centenas de magníficas jóias, muitas delas inéditas, e que de há muito aguardam oportunidade de publicação, para conhecimento e estudo dos investigadores, muito especialmente daqueles que maior interesse revelam por este importante ramo da cultura artística, de remota tradição entre nós.

Ora, com a publicação pelo Professor italiano Dr. Giovanni Becatti de um novo e formoso volume sobre ourivesaria antiga, mais um valioso contributo se oferece ao estudioso para o conhecimento histórico, técnico e artístico da joalheria fabricada e usada pelos povos antigos.

Contém a preciosa obra um ensaio histórico-estilístico sobre a evolução da arte da ourivesaria no mundo clássico, desde o período creto-micénico, até o final da chamada época dos Bárbaros, passando através da arte grega, da arte das tribos nórdicas da época de Hallstatt, da arte fenícia, púnica, etrusca, céltica, ibérica, celtibérica e romana. Abrange assim o livro do Sr. Prof. Becatti um vasto panorama deste interessante aspecto da civilização antiga, especialmente dentro do quadro da arte greco-romana, mas tendo em conta a sua irradiação e influências nos diversos ambientes do mundo mediterrâneo.

Está metódicamente apresentado o magnífico estudo, documentado com 530 notas bibliográficas, e seguido de um catálogo descritivo de cada uma das jóias antigas reproduzidas, em número superior a 600, típicas de variadas épocas e civilizações, apresentadas pela fotogravura em 175 estampas de página. Muitas dessas jóias são inéditas e as suas imagens fortemente ampliadas para permitirem observar devidamente os seus pormenores ornamentais e técnicos. Duas estampas são coloridas e reproduzem três maravilhosos exemplares de ouro, todos datados do sé-

culo VII a. C., representando uma fíbula, um brinco e uma taça, respectivamente existentes no Museu Pigorini, de Roma, no Museu Gregoriano, do Vaticano, e no Museu Victoria and Albert, de Londres.

Cada objecto reproduzido, e com seu número na estampa, é citado por esse mesmo número tanto no texto como no catálogo, o que facilita a consulta. A série das estampas segue-se uma bibliografia geral com indicação dos mais importantes estudos sobre ourivesaria antiga, permitindo ao leitor aprofundar os problemas a que o texto alude. Pena é que a bibliografia portuguesa esteja tão escassamente representada neste livro do Prof. Becatti, citando-se nele unicamente um trabalho do Dr. Luís Pinto Garcia publicado no vol. LXIII da «Rev. de Guimarães» e o Catálogo do Museu Santos Rocha, da Figueira, o que demonstra o insuficiente conhecimento que os investigadores italianos têm dos trabalhos portugueses de Arqueologia.

Contém depois o volume um índice das localidades onde se encontram os museus, italianos e estrangeiros, que possuem os exemplares reproduzidos, citando-se dos nossos museus apenas os Municipais do Porto e da Figueira da Foz, o Etnológico de Lisboa, o de Chaves, e a Câmara Municipal de Barcelos, esta como detentora de uma cadeia de anéis de ouro, que figura na estampa 139 do livro. A mesma estampa inclui, como representação, bem insuficiente por sinal, da nossa numerosa e rica joalheria arcaica, uma bráctea de ouro do Museu Santos Rocha, a bráctea áurea de Ninho do Açor (Castelo Branco) publicada no artigo acima referido de L. Pinto Garcia, a citada cadeia de elos de ouro guardada em Barcelos, um torques de Chaves e um bracelete de Guimarães, jóias estas consideradas por Becatti como pertencentes à arte celtibérica do século III-I a. C., e das quais, há muito, demos notícia escrita (Vide «Boletim do Grupo Alcaldes de Faria», Barcelos, 1950; «Anais da Fac. de Ciências do Porto», tomo XXVII, 1942; e «Rev. de Guimarães», vol. XLVII, 1937, p. 89). Também a estampa 130 contém a gravura da conhecida bráctea siracusana do Museu Municipal do Porto.

Segue-se um índice da proveniência de todas as peças, e, finalmente, um índice analítico geral. O aparato gráfico desta magnífica obra é irrepreensível, quer na perfectíssima impressão do texto, quer na das numerosas estampas que o ilustram.

T. G. E. POWELL and GLYN DANIEL, *Barclodiad y Gawres*. Imprensa da Universidade de Liverpool, 1956. 1 vol. de 80 págs.

Falta em Portugal um *Corpus* da nossa Arte rupestre:—gravuras e pinturas em penedos, em abrigos, em grutas e dólmenes. E todavia o país é frequentes vezes apontado, em diversos trabalhos de arqueólogos nacionais e estrangeiros, como excepcionalmente abundante nestas expressões esquemáticas de um simbolismo ignorado, representativas da cultura artística e da mística religiosa dos povos pré-históricos.

Parece estar localizada entre nós, nas altiplanícies centrais do país, correspondentes à região da Beira Alta cercada pelas serras da Estrela, Caramulo, Gralheira e Montemuro, até ao Douro, a zona mais rica em dólmenes contendo gravuras ou pinturas na face interna dos esteios que constituem as paredes da câmara. Podemos citar, como exemplares característicos desta espécie de monumentos megalíticos ornamentados interiormente, existentes na referida zona, um dólmen na freguesia de Cota, entre Vizeu e Vila Nova de Paiva (*pinturas ramiformes*); outro no Lugar de Queiriga; outro no Lugar de Pedraça, freguesia de Senhorim; em Sobreda, Oliveira do Hospital; mais ao norte, já próximo do Rio Douro, no Lugar do Padrão, freguesia de Baltar (*pinturas serpentiformes*); e em diversos outros lugares, num dos quais, com o sugestivo nome de Lugar das Antelas, na freguesia de Pinheiro de Lafões (Concelho de Oliveira de Frades), ainda recentemente o Sr. Eng. Luís de Albuquerque e Castro, em serviço de prospecção mineira naquela região, descobriu uma importante necrópole dolménica, com os megálitos